

ESTUDOS IMPERDÍVEIS

(Porto de Paranaguá, um sedutor - Uma cidade, um espaço: a mulher empresária - A Humanidade e o futuro)

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Não é nossa intenção enaltecer o valor e o significado dos presentes estudos, uma vez que estes se firmam por si mesmos graças à agudeza de interpretação, critério e espírito crítico de seus autores, além do significado que representam para a historiografia regional brasileira contemporânea.

O primeiro deles, fruto de décadas da historiadora Cecília Maria Westphalen, comprova, através da pluralidade de fatos e idéias, de como não é possível conviver com o insulamento e conservantismo geradores de distorções que desfiguram a realidade do processo histórico. Em verdade, ao longo das 608 páginas do **Velho Sedutor** (Curitiba, Secr. de Est. da Cultura, 1999), decorrência de exaustiva pesquisa em arquivos nacionais e estrangeiros, trouxe a autora à tona a história marítima paranaense, com farta bibliografia, não menor quantidade de gráficos, tabelas, ilustrações, demonstrando, com propriedade, que a História é para ser buscada, compreendida, pensada e refletida.

Valendo-se também do emprego de técnicas seriais quantitativas, aliadas à aplicação de recursos da semiologia gráfica, analisou três séculos de história (embora a prioridade tenha sido para o século XIX) onde, com riqueza de informações e crítica aguçada, perquiriu o porto de Paranaguá não apenas em termos de movimentação de navios e mercadorias, de sua exportação, notoriamente da erva-mate para o Rio de Prata e Chile, do movimento de entradas de embarcações procedentes

de Santa Catarina e de São Paulo, do porquê da importância, por longo período, desse porto em termos de navegação de cabotagem, além de como ele se foi integrando ao comércio exterior brasileiro, o que significa dizer atlântico, analisando ainda como foi ocorrendo sua modernização técnica e a acumulação social da riqueza.

Concomitantemente trabalhou **O Sedutor** como expressão de uma certa conjuntura, integrando-o nas questões fundamentais da economia americana e mundial, vendo, ademais, com acuidade, as forças sociais e sua projeção na paisagem econômica, conectando-as com os mercados receptores, estabelecendo linhas de evolução contínuas a fim de melhor perceber as transformações conjunturais e as possíveis viragens de estrutura para, finalmente, poder desvendar os lucros do trato e melhor apreender os homens e os grupos sociais partícipes desse processo.

Trazendo, pois, essa contribuição à historiografia regional, bem assim suas identidades, uma vez mais demonstra o Estado do Paraná a preocupação em desvendar sua história, alertando à importância da micro-história que de há muito vem sendo lá trabalhada e que deveria ser o positivo exemplo para os demais Estados brasileiros a fim de bem recuperar sua cultura/memória.

*

Já há algum tempo o espaço feminino está sendo objeto de múltiplas pesquisas, o que vem positivamente contribuindo para desvendar como a mulher, ao longo do processo histórico, conseguiu desempenhar e ocupar, com competência e sensibilidade, seu devido lugar na sociedade. Assim, o estudo realizado por Eli Maria Bellani sobre a atuação da mulher empresária em Chapecó, que culminou com a publicação de **Uma cidade, um espaço: a mulher empresária** (Chapecó, Grifos, 1999), representou um entre muitos outros resultados que vêm sendo ultimados regionalmente onde, através da coleta de depoimentos, relatos de experiência de vida, utilização do recurso imagético, bibliografia condizente, se pode observar como a “garra” feminina possibilita (ou) a ocupação de um espaço no mercado, vindo a conquistar efetivamente toda uma vivência produtiva ao longo do tempo, conseguindo transpor obstáculos herdados da formação sócio-cultural brasileira.

Ao percorrer ainda preciosa documentação pública e particular, onde também não deixou de trabalhar com o discurso masculino, a autora comprovou a identidade feminina multifacetada que acabou por permitir a definição dos rumos sócio-político-econômico-culturais não apenas da cidade de Chapecó, mas que chegou a envolver todo o oeste catarinense.

Com perspicácia, a autora, ao estudar essa instigante temática mulher, não a viu como uma abstração, pois analisou-a sob as mais diversas etnias, grupos sociais, idades, o que lhe permitiu desvendar os diferentes momentos históricos e a atuação feminina especificamente no ramo empresarial.

Como bem colocou a pesquisadora, ao se fazer a história da mulher na contemporaneidade há que se refletir e criar a fim de tornar possível inserir o chamado sexo frágil como sujeito da História de forma consciente e não apenas sujeita à submissão masculina. Nesse sentido, conseguiu a autora captar/resgatar como foi e está sendo a atuação feminina no oeste catarinense (especificamente em Chapecó), como pode a mulher vencer o espaço público e quais os tipos de relação que estabeleceu com aquela comunidade.

Ao elaborar significativo banco de dados de grande utilidade para o prosseguir da reconstrução histórica regional, trouxe à luz num amplo contexto espacial, idéias, fatos e ações (através de relatos de vida), que bem refletem a história de uma cidade e como a mulher pode e sabe construir sua trajetória de vida nos mais diferentes campos em que se propõe (ôs) a interagir mesmo enfrentando graves e sérios obstáculos de variada natureza (observados nas diferentes vozes ouvidas pela autora), e que com marcante atuação e persistência, também adentrou no campo empresarial.

Em verdade, ao re(olhar) o passado como a melhor maneira de poder perceber a identidade presente, uma vez que o direito à memória existe enquanto práxia social, especialmente em um país preso a contradições, como é o caso brasileiro, a autora cumpriu o que se propôs.

*

Já foi dito que há um tempo para se aprender, há outro para se amadurecer e, finalmente, o de produzir e espargir o conhecimento,

esperando sua frutificação, na medida em que o cidadão tenha consciência de haver realizado um trabalho construtivo e competente, fugindo da tentação do exagero e do sensacionalismo. Tudo é uma questão de tempo, persistência, desprendimento e amor ao semelhante! E, como afirmou João Paulo II, devemos trabalhar sempre em nome da Paz, respeitando os direitos das pessoas e assumindo o progresso sem atropelar a consciência humana.

Assim refletindo, o trabalho de Enildo Galvão Carneiro Pessoa **A Humanidade e o Futuro** (Campinas, Alínea, 2000), é um verdadeiro livro de cabeceira na medida em que se propôs a estudar as possibilidades da libertação humana. Claro, e por isso mesmo ser obra instigante, que é assunto extremamente polêmico pela forma com que o autor aborda essa temática. Imagine o arrojo revelador de seu amadurecimento: “esclarecer a humanidade, em sua caminhada ao longo do tempo, seguindo a tendência no sentido da Libertação Humana”, tomando como escopo Jesus Cristo (que doou sua vida à humanidade) e Karl Marx (doando sua existência ao bem do gênero humano), analisando com acuidade as profundas mudanças ocorridas na vida humana!

Obviamente que nesse caminhar, tanto as condições objetivas quanto as subjetivas para a libertação do homem sofreram abalos se considerarmos o processo econômico em sua fase capitalista, o que poderíamos dizer, representou o grande impacto histórico a ser considerado.

As próprias condições, qualitativamente diversas que adentraram o operário na vida político-social, caminham paulatinamente, no sentido de atender aos interesses da coletividade e não mais aos individuais. Todavia, parece-nos que ainda persiste a orientação das classes dominantes, do capital, frente ao humano, o que levou o autor a analisar que o projeto transcendental que está embutido no referente à evolução da sociedade “não possui características relativas à concepção determinista dos fenômenos sociais”. Assim, demonstrou o autor em sua pesquisa que “a relação dialética entre necessidade e consciência da necessidade”, constitui o ponto significativo para o estudo efetuado.

Ao considerar que o sentido norte da evolução da sociedade decorre de causas transcendentais, embora o humano influa em seu processo evolutivo, pondera que são os fenômenos decorrentes da

consciência reflexiva que possibilitam as essenciais modificações da humanidade.

Com objetiva análise, avaliou os impactos dos fatos sociais corroboradores da construção das sociedades, e que devem ser eles apreciados pelos impactos sociais dessa construção, onde “Vida”, “Liberdade” e “Necessidade” são os elementos preponderantes para o conhecimento e ulteriores análises.

Com clareza e convicção, enfocou o autor as características específicas que possuem as classes sociais em função de uma totalidade que acabam por ser correspondentes às mais diversas particularidades históricas das sociedades, levando em conta que o momento atual, frente ao terceiro milênio, deve orientar-se sob a ótica das conseqüências em relação à “contradição entre a produção social e a apropriação capitalista”, no sentido de criar possibilidades para a melhoria do bem-viver coletivo, ao lado de um trabalhar contínuo para o crescimento da consciência histórica do indivíduo em sociedade. Bem por isso, afirma o autor que “a Humanidade não é um barco sem rumo!”.

Nas 317 páginas desse livro revela-se o autor, evidenciando toda sua trajetória de vida voltada ao humano, o modelo de uma existência a batalhar pela defesa da vida e da conquista da plena liberdade. A bibliografia oferecida é o exemplo de toda a pluralidade e amadurecimento de uma prática histórico-sócio-filosófico-educacional que o pesquisador oferece a fim de que o estudo, a pesquisa, o debate possam caminhar em prol da sociedade.